

Só 1/3 dos homens faz toque retal

18/11/09

Folha de São Paulo

Para 77% dos entrevistados em pesquisa Datafolha, o preconceito é o motivo para a baixa adesão ao exame. O exame de sangue PSA é mais aceito pelos homens, mas, sozinho, não previne o câncer de próstata, alerta a sociedade de urologia.

Apenas 32% dos brasileiros com idades entre 40 e 70 anos fazem o toque retal para detectar o câncer de próstata, o tumor que mais mata os homens acima dos 50 anos. Já o PSA (antígeno prostático específico) é feito por 47% dos homens. Os dois exames são indicados a partir dos 45 anos - nos Estados Unidos, a recomendação começa cinco anos antes.

Os dados são de uma pesquisa Datafolha, encomendada pela SBU (Sociedade Brasileira de Urologia) e divulgada ontem. Foram entrevistados 1.061 homens de 11 capitais brasileiras e do Distrito Federal. A margem de erro do levantamento é de três pontos percentuais, para mais ou para menos.

A pesquisa mostra que o índice de prevenção varia conforme a faixa etária e o nível socioeconômico. Até os 50 anos, 18% dos homens fazem o toque retal e 36%, o PSA. Dos 50 aos 59 anos, a taxa passa para 40% e 54%, respectivamente. Entre os 60 e os 70 anos, 53% fazem o toque e 65%, o PSA.

Nas classes D e E, 84% dos homens nunca fizeram o toque retal e 74%, o PSA. Já entre os das classes A e B, o índice ficou em 42% (toque) e 60% (PSA).

"Os homens preferem fazer o exame de sangue ao de toque. Mas é preciso ressaltar que os dois são complementares no diagnóstico do câncer de próstata e um não substitui o outro. Em até 20% dos casos, o exame de sangue pode ser normal em uma pessoa com câncer", afirma José Carlos de Almeida, presidente da SBU.

Para 77% dos entrevistados, o preconceito é o principal fator para a não realização do toque retal. "Nós, urologistas, sempre pensamos que o medo fosse tão importante quanto o preconceito. Com essa pesquisa, o que pensávamos foi por água abaixo. Eles não fazem por constrangimento", diz o urologista Aguinaldo Nardi, coordenador da pesquisa pela SBU.

Na opinião de Ernani Luis Rhoden, professor de urologia da Universidade Federal Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), os homens passam em média dez anos fugindo do exame. "Eles nos procuram mais por volta dos 55 anos, 60 anos. Mas, quando chegam, menos de 1% se sente constrangido com o exame", diz.

Rhoden lembra que a distribuição geográfica dos urologistas (concentrados nas regiões Sul e Sudeste) e as dificuldades de se consultar com o especialista no SUS são fatores que também atrasam o diagnóstico precoce do câncer de próstata.

A pesquisa constatou em números o que muita gente já sabia na prática: 66% dos homens só buscam tratamento médico por influência da mulher.

Polêmica

O PSA, que identifica precocemente a probabilidade do desenvolvimento de câncer de próstata, tem sido alvo de polêmica por poder levar a diagnósticos e tratamentos exagerados. Não há consenso que o teste reduza a mortalidade.

Neste ano, dois estudos chegaram a conclusões diferentes sobre os benefícios do PSA: um, americano, concluiu que ele não salva vidas. Já outro, europeu, indica que existe uma redução de 20% nas mortes.

Em alguns pacientes, o tumor cresce mais rapidamente, o que reduz a sobrevida. Mas, em outros casos, o câncer progride lentamente e permanece localizado na próstata. Se ele não for considerado clinicamente significativo, o tratamento poderá ser desnecessário. "O problema é que ainda não temos marcadores que nos digam qual será a evolução de determinado tumor. Por isso, é melhor prevenir", diz Nardi.